

ARTE DOS PROBLEMAS E/OU PROBLEMAR(-)TE

Elenise Cristina Pires de Andradeⁱ

Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), nisebara@gmail.com

Marcelly Camachoⁱⁱ

Prefeitura Municipal de Amparo – marcellycamacho@hotmail.com

Resumo: Andar perdidamente. Animar a alma, as autoras, seus projetos, gentes, espaços, fotografias, cotidianos. Pensar... Não somente **sobre** a “realidade”, mas principalmente **com** ela, em um território localizado na Área de Proteção Ambiental Itacaré/Serra Grande junto a agricultores tradicionais. *Logos e grafias* em fotografias produzidas por seus habitantes a inventarem e produzirem cotidianos singulares. Pensar... A “situação” da criança e do adolescente em uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, vasculhando dados, documentos e apostando nas relações **com...** Pensamentos múltiplos junto a Deleuze e Guattari no que o conceito de ‘problema’ suscita e ressoa em meio às experimentações artísticas dos dois projetos. Abrir as portas do coração para escutar os problemas e os acontecimentos que podem (re)criar sensibilidades e saberes do campo e da cidade.

Palavras-chave: arte, pós-estruturalismo, fotografia

Summary: To wander. To cheer up the soul, the authors, their projects, peoples, spaces, photographs, daily lives. To think... Not only **about** “reality” but mainly **with** it, in an environmental protection area located in Itacaré/ Serra Grande, together with the local agricultural workers. *Logos and graphics* in pictures taken by its inhabitants inventing and producing unique daily living pictures. To think... The “situation” of the child and the adolescent in a small town of Sao Paulo state, searching for data, documents, and betting on the connections **with...** Multiple thoughts together with Deleuze and Guattari in what the concept of “problem” brings and resounds amidst the artistic experiments of both projects. To open the doors of the heart to listen to the problems and the events that can (re) create sensitivities and knowledges both from the country and the city.

Queremos, nesta e com esta colagem de ressonâncias, problematizar matizes, pensamentos, problemas, pensamentos. Vontade de pensar, já que, como nos diz Deleuze, não conseguimos pensar o que queremos (nem o que sonhamos). Problemar-te. Sonhar-te.



Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida... Fotografia de India LuaSelvagem disponível em http://br.olhares.com/minhalma_de_sonhar_te_anda_perdida_foto732534.html
Postada em 13/07/2006

Alma, perdição, sonho. Arte a nos propôr (des)estabilizações da linearidade, da representatividade, afetando-nos, atravessando-nos de um modo imanentemente criativo, pois impensável, na (im)possibilidade de um *querer pensar o que se quer*. Forçar(-se) a pensar-te?

E o que nos força a pensar? O problema. (...) Assim, o importante, então, é que o pensamento é *produzida*, que é o resultado desse reencontro, portanto, não é uma reconhecimento, um pensar que já foi pensado, mas um pensar que ainda não foi pensado. (Gallo, 2009, p. 50-51)

Andar perdidamente. Animar a alma, as autoras, seus projetos, gentes, espaços, fotografias, cotidianos, Gilles Deleuze, Felix Guattari. Problemas. Pensamentos. *Pensar é criar, não há outra criação, mas criar é, antes de tudo, engendrar 'pensar' no pensamento* (DELEUZE, 2006, p.213). Problemar(-)te. *Minh'alma, de pensar(-)te anda perdida... Meus olhos andam cegos de te ver!*

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não es sequer razão do meu viver,
Pois que tu es já toda a minha vida!

Não vejo nada assim
enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser



A mesma história tantas vezes lida!

“Tudo no mundo é frágil, tudo passa...”
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
“Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!...”
(Florbela Espanca) ⁱⁱⁱ

Fotografia produzida por uma esposa de agricultor
da APA Itacaré-Serra grande do Distrito de
Taboquinhas, BA.

Abrir as portas do coração para escutar Fagner que musicou o poema de Florbela, nascida em 1894, Flor Bela de Alma da Conceição. Pensar os problemas como composições musicais, artísticas, elementos diferenciais no próprio pensamento e na relação com as menores coisas. Como as imagens em decomposição, criação... Os sons inaudíveis, os aromas saborosos e as palavras farejadas. Como as fotografias, as conversas, as aprendizagens da/na vida, o cinema, pedrinhas, amores, pedaços de poemas, imagens de menino, os ruídos de um rato, as poses de um cão. Pensar não é o horizonte retilíneo que se estende de um sujeito a um objeto, tampouco a transformação que um poderia operar sobre o outro. Pensar envolve a relação que acontece entre o território e a terra (DELEUZE; GUATARRI, 1992, p.113).

Pensar é experimentar. Experimentação que implica o novo, o interessante, o indescritível (DELEUZE; GUATARRI, 1992, p.143). Sensível. Experienciável. *Do intensivo ao pensamento, é sempre por meio de uma intensidade que o pensamento nos advém* (DELEUZE, 2006, p. 210). Por isso a potência de vida que emana onde cada pensamento tenha direito aos seus próprios problemas, face às suas experimentações singulares – e não assumir problemas impostos por outros pensamentos, pessoas, ideias, sensações.

“O que os artistas têm de melhor é que descodificam o mundo através deles próprios. Usamos a nossa lente para olhar o mundo. Mas não é um acto meramente auto-biográfico, porque isso não teria interesse para a maioria das pessoas. É mais uma contaminação oblíqua. E a coisa maravilhosa que a arte contemporânea tem é permitir-nos a todos, enquanto fruidores, sermos também criadores. Somos todos co-criadores do objecto artístico, especialmente nas artes performativas, que são muito difíceis de legitimar. Não se põem na parede, não têm valor definido. Um espetáculo que se monta e desmonta, é difícil de avaliar, mas é fundamental. Precisamos de espetáculos efêmeros para perceber que o mais importante está na nossa memória, no *modus operandi*, não está no coleccionar; está na tua capacidade de transportares aquela memória, e ela te influenciar no momento em que tenhas que ser um decisor. É por isso que as artes performativas deviam ocupar um lugar central no conceito de cultura. Porque nós precisamos de uma sociedade inteligente, que se pense, que seja capaz de se reinventar a partir das suas próprias memórias. Ora as artes têm a dúvida

como método, são a melhor ferramenta para nos fazer criar esse segundo olhar, este outro discurso.” (Nuno Horta^{iv})

Pensar-se na reinvenção das próprias memórias não seria uma interessante (im)possibilidade de experimentar as sensações de pensar/criar/abalar os próprios problemas? Seria a potência de um desejo, como Foucault nos diz no prefácio à edição norte-americana de *Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari em “Introdução a uma vida não fascista”? Fascinar-te aos problemas? Arteiramente apresentamos, então, os problemas que nos forçam a pensar o impensável desde dentro dessa impossibilidade. Estariam, então, noss'almas perdidas e nossos olhos cegos de lhes ver?

Pensar... Não somente sobre a “realidade”, mas principalmente *com* ela, em um território localizado em uma Área de Proteção Ambiental (APA) e que ocupa a extensão de aproximadamente 54 mil hectares, apresentando um dos mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano do Litoral Sul da Bahia. *Logos e grafias* em fotografias produzidas por seus habitantes a inventarem e produzirem cotidianos singulares. Uma equipe de professores, técnicos, artistas da instituição Movimento Mecenaz da Vida e da Universidade Estadual de Feira de Santana, com o apoio da Fapesp ao desenvolver o projeto: *Olhares cotidianos da certificação turismo carbono neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA*^v.

Pensar... A “situação” da criança e do adolescente em uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, vasculhando dados, documentos a partir dos critérios metodológicos da Prattein, Agência especializada em pesquisa social, contratada pela Telefônica em uma parceira com a Prefeitura Municipal da Amparo, através da Secretaria de Assistência Social. A Prattein foi contratada para oferecer assessoria aos 24 Municípios do interior do Estado de São Paulo que mantém parceria com a Telefônica (financiamento em projetos sociais), além de ter sido convidada para realizar o I Diagnóstico acerca da situação da Criança e do Adolescente nestes Municípios, no sentido de possibilitar uma avaliação, por parte da Telefônica, da gestão de seus investimentos nessas cidades com as quais mantém parceria. A contrapartida dos Municípios é a contratação de um profissional – técnico em pesquisa – e a disponibilização de recursos e materiais necessários para realização do Diagnóstico.

Assim apresentados os projetos, nossa proposta para esse texto é ressoar pela maneira ‘artística’ que entendemos que o conceito de *problema* se movimenta nos escritos de Deleuze e do filósofo francês com Felix Guattari. Permitir-mo-nos a roubarmos a escrita, a

experiência do sentido acontecimental do problema, como nos diz Deleuze (2003): *O modo do acontecimento é o problemático. Não se deve dizer que há acontecimentos problemáticos, mas que os acontecimentos concernem exclusivamente aos problemas e definem suas condições* (p. 57). Acontecimentos em expressão de produção de sentido. Sem certo. Sem errado. Sem esses ‘sem’ mas no movimento da potência do sentido que só é dado pelo sem-sentido, o *non sense*.

As autoras-ladras em seus projetos, na dispersão que eles possibilitaram e que, agora, tentam apresentar nessas escritas, abrem-se à espera dos encontros, do inesperado, do desconhecido, do acaso, que lhes forçaram a pensar e se configuram como acontecimentos inerentes a qualquer prática. Espera ativa e política de viver a expressão da produção de sentido no acontecer. *Problemá(-)te/nos*.

Em seu livro *Proust e os signos*, publicado na França em 1976, Deleuze esboçou algumas de suas primeiras criações filosóficas, produzidas em meio às leituras que realizou das obras literárias de Marcel Proust^{vi} – *À la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido). Apostamos que estes escritos do pensador francês podem contribuir para a discussão que esboçamos a respeito do conceito de “método”. De acordo com a leitura de Deleuze, acerca das obras de Proust, um dos temas em que o escritor francês mais insiste é este: “a verdade nunca é o produto de uma boa vontade prévia, mas o resultado de uma violência sobre o pensamento”. (DELEUZE, 1987, p. 16) Assim, para Deleuze, à concepção filosófica de “método” Proust (se) opõe com as noções de “coação” e “acaso”, ou seja, a verdade nunca é produto de uma boa vontade do pensamento em torno da elaboração e realização de um método, mas fruto dos acontecimentos que nos acometem e nos atravessam repentinamente, até mesmo na busca pela efetivação de um método. Por este aspecto, o problema pode tornar-se algo positivo, uma vez que seja capaz de nos impelir a atividade do pensar em meio a esta multiplicidade de mundos possíveis que cada pequeno acontecimento é capaz de gerar.

Foucault (2002) também nos ajuda a compor essa idéia da verdade buscada no cotidiano na medida em que destaca que a prática da confissão dos problemas já existia, desde há muito e, em outros termos, entre os gregos. A verdade era para ser buscada no *cuidado de si*, no *fora*, na relação com as coisas do mundo, e como consequência, no conhecimento de si, conhecimento que implicava na **arte** do “bem viver” que incluía o **cuidado com o lugar** em que se vive – no caso dos gregos a polis –, com a natureza e com as relações com os outros, com os amigos, por exemplo, através da troca de cartas em que se descreviam as atividades realizadas no dia, os problemas e as doenças.

Arte da escrita como forma de produção de saúde, relação com as regras, os afazeres do cotidiano, no sentido de expressá-los, (re) cria-los... A verdade – para os estóicos na leitura de Foucault (2002, p. 302) – era pública, era para ser buscada, não era algo *dado, como* apregoa a tradição cristã. Explorando e roubando essas ressonâncias, nos propusemos a



Fotografia produzida por um agricultor da APA Itacaré-Serra grande do Distrito de Taboquinhas, BA.

escrever e(m) produção de vida, de cotidiano, de arte. Assim os problemas podem (re) criar os mapas do campo e da cidade – com luz, com gente, com tinta e grafite. Escritas à mão – caligrafias... E escritas à máquina. De escrever, de fotografar... Imagens, letras, cotidianos que cartografam territórios ao desterritorializar as

identidades dos lugares e do povo.

Os problemas criaram grafias de luz, sombras, cores, águas, vidas, imagens produzidas pelos agricultores tradicionais da região de Itacaré/Serra Grande como a que vemos acima. Eles fotografaram o lugar em que vivem (re)criando aquelas terras, aquelas doloridas dificuldades, desterritorializando as imagens fixas de uma comunidade rural “problemática”. Também nesse movimento de ressonâncias pelo funcionamento do conceito do problema, a equipe responsável pela elaboração do diagnóstico acerca da situação da criança e do adolescente no Município de Amparo identificou que, o que comumente se denomina de “problemas da região” podem também ser entendidos como fragilidades e potencialidades, no que se refere ao funcionamento da rede de atendimento (saúde, educação, cultura etc.) das crianças e jovens do local e que intensificam (e não paralisam) a investigação a respeito das vidas que pulsam no lugar.

Entrar em contato com as pessoas que tem acesso aos dados. Liberar os dados. Libertar os dados dos (...) *controle e determinação dados por aquilo que é dito essência, substância da vida, por ciências-culturas-conhecimentos-pensamentos; potencializar a improvisação* (DIAS et al, 2008). Ouvir, passar, inventar, escutar, sensibilizar-se com o que elas têm a dizer a respeito de seus trabalhos, de suas vidas para, então, conceber, inventar, criar os problemas que estes dados nos lançam e que não se dissociam totalmente destas

pessoas, da atuação da polícia, dos educadores, das grandes instâncias de poder etc. Esperar ouvir, passar, inventar, escutar, sensibilizar-se não se configura como uma postura passiva. Como pode muita gente apostar e dizer que essa ‘passividade’ seria de se esperar para pensamentos pós-modernos? Mas uma espera de acontecimento, momento fugaz, intempestivo, efêmero e eterno da produção e liberação do sentido (e não a pretensa fixação desse sentido como ‘re-cognição’). *Precisamos de espetáculos efêmeros para perceber que o mais importante está na nossa memória, no modus operandi, não está no colecionar* nos sussurrou Horta, na vontade que essa memória seja inventada continuamente, seja colocada em operação continuamente e não colecionada como uma efetivação da (re)cognição.

Entrar em contato com aquilo que habitualmente é considerado “sujo”, “feio”, “pobre”, “corrupto”... A situação do usuário de “drogado”, o bandidinho, o governo, as diferenças em geral, o “mal” da história, da cidade, dos profissionais, da vida, das instituições, das teorias, das criações... Permitir o conflito. Reconhecer a necessidade da convivência e do combate nas relações que envolvem o contato com os profissionais e com os dados que eles disponibilizaram. Mesmo que à força. A maior parte dos setores que compõem a rede do Sistema de Garantia dos Direitos (SGD)^{vii} da criança e do adolescente se recusou, a princípio,



Imagem produzida pela pesquisadora durante a elaboração do I Diagnóstico Municipal acerca da situação da Criança e do Adolescente em Amparo, no Distrito de Três Pontes, uma das regiões consideradas “desfavorecidas” do Município. *Crianças brincando.*

fornecer os dados alegando o compromisso com o sigilo ético. Dialogamos os profissionais, das diferentes instâncias do SGD, argumentado que se tratava de um levantamento de dados para um trabalho de pesquisa no Município e que, portanto, não haveria problemas, não divulgaríamos nomes de crianças e adolescentes.

As linhas....
Nunca são perfeitas e completas
A vida?
Pedacos de momentos vividos

[...] Arte não é perfeição
Mas... Problemas
Os problemas do mundo
E os pequenos problemas também^{viii}.

Os *dados* nos mostraram que os Direitos^{ix} mais violados naquela comunidade do interior de São Paulo são aqueles relacionados à Educação, Cultura,

Esporte e Lazer, em primeiro lugar e, em segundo lugar, à Convivência familiar e comunitária. Neste sentido, não seria oportuno nos perguntarmos a respeito de qual conceito de educação e família nos referimos?

O fato é que a própria autoridade foi solapada e as máquinas, as técnicas, os meios de comunicação, em grande medida, tomaram o lugar de uma “autoridade” quase absoluta que, em outros tempos, pertencia unicamente a uma instância, fosse ela religiosa, política, familiar e/ou educacional. Os acontecimentos libertam os dados porque buscamos também, de acordo com as imagens e os desvios que atravessaram nossa prática em torno do levantamento dos dados, considerar outros dados, diferentes fontes, as relações com os outros, as territorialidades, as experimentações com artes e com pessoas e com lugares e... As possíveis ações que estivessem ao nosso alcance e pudessem, ao mesmo tempo, contribuir com nossa pesquisa.

Experimentar junto ao invés de classificar, de julgar... As pessoas, as regiões, os profissionais, as famílias, as crianças e os jovens. Desacompanhar o sistema de entendimento de mundo através da representação, como nos propõe Deleuze. As pequenas ações, as relações *com* as pessoas da equipe diagnóstica e com aquelas dos setores que integram o Sistema de Garantia de Direitos da criança e do adolescente, com suas “histórias mínimas”, foram capazes de gerar pequenos eventos, imagens, disparadoras de transformações em nossas vidas, cidades... São práticas que consideramos potentes e proliferantes, mas nunca, modelos a serem seguidos. A equipe permitiu-se atravessar pela intensidade dos pequenos eventos, pelas potências das “histórias mínimas”, das paisagens... Jogar-se à perdição. *Minh'alma de sonhar(-)te* anda perdida.

Cotidianos singelos, singulares onde observamos, atualmente, uma enorme quantidade de fatores “problemáticos” quanto à situação sociocultural-ambiental das regiões, tais como: estagnação comercial, empobrecimento da qualidade dos serviços associados, dificuldades dos serviços públicos, degradação ambiental, algumas vezes associada à impossibilidade de estrutura para o saneamento básico nas moradias construídas em áreas rurais de proteção ambiental, processo de favelização nos centros urbanos, mas que de modo algum impede que se proble-matiz-e a potência de geração de problemas como vimos apresentando até aqui e a arte da *quase* captação desses cotidianos através das fotografias pode ser um interessante funcionamento para essa experimentação texto-pesquisa.

Os agricultores tradicionais e suas famílias com as quais trabalhamos, junto ao Movimento Mecenaz da Vida, no projeto *Olhares cotidianos da certificação turismo carbono neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA* com a

tecnologia ambiental *Certificação Turismo CO₂ Neutro*^x perpassa pela intervenção e transformação não somente dessa, mas *com* essa realidade, atuando diretamente na invenção de novas sensibilidades e novas configurações das relações.



Fotografia *Paisagem do lugar* (Distrito de Três Pontes), produzida pela pesquisadora durante a elaboração do I Diagnóstico acerca da situação da Criança e do Adolescente no Município de Amparo.

Fotografias que nos tem possibilitado relações entre saberes, entre vozes, entre silêncios: outras explorações **com/nas/das** imagens, possibilitando um “pluri-álogo” de conhecimentos, sensações, registros, memórias, divulgação e educação. Sentimentos que nos movimentam pelas imagens e nos colocam a entendê-las como intensivas personagens na contemporaneidade, para além de meros meios de comunicação e/ou educação. Problematização, pensamento, arte, angústia, respirar-ação. Movimento de criar a verdade, o cotidiano, a memória. **Com, reticências, hífen**s que parecem ter abandonado a escolarização que, quase como um andar automático, se permuta no sinônimo de educação. Então, o mundo (o que os dados nos diriam disso?) ‘transforma-se’ em uma Escola a expulsar os vãos, os desvios, as ‘histórias mínimas’.

Além disso, se há uma parte do problema na Escola, seja talvez, em primeiro lugar, a parte do preconceito e da ilusão, não todavia como um vício ou um defeito, mas devido à própria natureza da relação pedagógica que se implanta, já que ela sempre pressupõe, em sua forma clássica, uma distribuição do conhecimento de tal modo que um já supostamente sabe o que o outro ignora, onde o aluno só compreende e segue um problema dado na medida em que o professor sabe de antemão a solução. A relação pedagógica clássica é formada por um mestre que põe ou impõe ao aluno um problema ao qual o mestre já detém a solução.

Não há, obviamente, nada a acrescentar, pois isso é uma das principais tarefas da Escola, mas é este propósito que acaba dando lugar, em seu

sucesso, a um desconhecimento do problema como tal, da medida em que o movimento de aprender fica subordinado ao saber, ou seja, às soluções obtidas. (BIRCK, 2009, p.61)

Ademais, sabemos que grande parte das pessoas que habitam as regiões periféricas da cidade são migrantes que chegaram dos mais variados recantos do país, com suas “manias”, pobreza, culturas... Esgotamento, cansaço, que não cansam de pular em vida. Perder-se **com** eles e elas, **com** as experiências esgotadas, cansadas, e, literalmente através delas, determinar/produzir/deixar-se levar pela excedência, esse verter, essa sobra, esse resto tão potente de resistência à fixação e uniformidade do pensamento, da representação como ‘objetivo’ de vida. Poetizar. Arte. Problemar(-)te.

Potencia de la inteligencia y del sentido, poder constituyente. De hecho, aquí ocurre el milagro, [...] un juntarse del acontecimiento y de la historia, un construirse de la historia en coincidencia con el acontecimiento y un conseqüente desplegarse del acontecimiento en relato. Esta síntesis nueva y fortísima es la que muestra al arte, al movimiento poético, que están instalados en el ser, que están, por tanto, em condiciones de determinar una excedencia (NEGRI, 2000:69)

Excedência a refletir com profissionais de diversas áreas acerca da valorização das diferenças culturais de nosso povo, investindo na abertura e apostando na possibilidade da criação e novas relações de aprendizagens recíprocas com o povo, as crianças, os adolescentes e nossos companheiros/as de trabalho. Excedência a experimentar os dados **junto com** eles, dados, sejam eles quantificações de abusos sexuais, índice de desenvolvimento humano, cores numa fotografia, cheiros das louças limpas. Dados que não se mostram como relatos, mas possibilitam expressões (sem pressa, ex-pressões) de



Fotografia produzida por um agricultor na região da APA Itacaré/Serra Grande, distrito de Taboquinhas, BA. Título da foto: *Ficava na janela olhando o país que inexistia, desenhado em geografia da saudade* (COUTO, 1998, p.91).

sentidos na efemeridade e infinita intensidade do acontecimento.

Vida outra. Cotidiano outro. Olhares outros que pretendíamos fosse mais um dado para a avaliação da tecnologia social *Certificação Turismo CO₂ Neutro* no que tal tecnologia houvera proporcionado em suas vidas. Eis que as grafias e as luzes atravessaram qualquer vontade dos dados como registros e eles explodem em cores, texturas, cheiros. Conhecimentos e vozes em fotografias que não serão traduzidas ou interpretadas, mas com elas, produzir, compartilhar e inventar expressões dos conhecimentos, das relações entre os seres humanos e o ambiente em que vivem, ambientes cotidianos. Agregar, adensar e potencializar as ações já em andamento. Sustentar-habilidades (saberes locais) por meio das relações ser humano/cultura tradicional/ambiente. Intensificação da vida em meio a tanto julgamento negativo que as periferias parecem comunicar. Ação política de resistência à pressa, à negatividade do *problema* como palavra-experiência-conceito. Perder a alma sem perder a calma.

Acompanhando a filósofa Eugénia Vilela, pensamos na fotografia pela força do testemunho. E propomos pensar o testemunho como um modo de *irrupção de acontecimentos* (2008, pp. 133-149), diferentemente da intensa identificação desse conceito à *produção de sentidos e afecções* sob a lógica clássica da narrativa. O que testemunha a testemunha? Lugares de passagem... Poderia a testemunha testemunhar a realidade? Testemunhar, para Vilela (2008), ao pensar com a arte, é um gesto de arrancar (...) *a linguagem ao desaparecimento de um destino sem sombra*.



Fotografia “Paisagem do lugar” (Distrito de Três Pontes), produzida pela pesquisadora durante a elaboração do I Diagnóstico acerca da situação da Criança e do Adolescente no Município de Amparo.

A arte surge como uma experiência daquilo que não nos foi dado a viver. Desejo de arrancar a vida em meio ao turbilhão das multiplicidades maquínicas das experiências. Como testemunhar? Testemunhos perdidos, andarilhos, testemunhos que se perdem da ideia de dar visibilidade aos cotidianos, testemunhos que in-vestem, trans-vestem e tornam visíveis, sensíveis cotidianos...

Hoje trago em meu corpo as marcas do meu tempo, meu desespero
A vida num momento, a fossa, a fome, a flor, o fim do mundo.
[...] ah sorte, eu não queria a juventude assim perdida ^{xi}...

Para a construção deste I Diagnóstico da Realidade da Criança e do Adolescente no Município de Amparo, nos debruçamos em uma complexa investigação e, ao mesmo tempo, na delicada “realidade” que envolve a vida de muitas famílias, com suas crianças e jovens, habitando uma territorialidade específica. Por este aspecto, buscamos trabalhar com a ideia de que habitar não significa simplesmente morar ou residir em um lugar, mas estabelecer com a terra uma prática de territorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2008). Territorializar uma região se caracteriza, então, por uma zona de experimentação com a terra, com os outros, com as culturas, com a vida. Trata-se do povo que se constitui e é **constituído por** territorialidades múltiplas constituindo, ao mesmo tempo, de forma muito singular, tanto a territorialidade “periférica”, sua comunidade, como as metrópoles Urbanas e os núcleos Rurais... Cartografias em criação.



As imagens fotográficas foram produzidas na Biquinha, bairro rural considerado um dos poucos bolsões de pobreza que existem no Município de Amparo, pela pesquisadora durante a elaboração do I Diagnóstico sobre a situação da Criança e do Adolescente em Amparo.

Projetos que buscam questionamentos e pulsações junto à ideia de que o cotidiano seja um tempo e um espaço concretos, onde a vida se fixe, onde expressões, sentimentos, saberes, culturas e seus artefatos delimitem potências de ampliação de conhecimentos. Questionamentos e pulsações quase a ex-pulsarem tal postura, junto a pensamentos (d)e ações políticas em resistência a essa demarcação para o conceito de cotidiano.

Buscamos, então, alguns autores que compartilham desse cenário de liquidez e potência de um cotidiano em *devir*, um *continuun* de intensidades, que compreende (...) *o máximo de diferença como diferença de intensidade, transposição de um limiar, alta ou queda, baixa ou erecção, acento de palavra* (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p. 34). Esparramar o que podemos entender como cotidiano que se desparcera do ‘si’, *self*, e prolifera sentidos que se permitem atravessar, que não desejam totalizar, mas florescer... Pensamentos de terra-vida em um cotidiano-ambiente-devir que brota/enterra nas fotografias dos agricultores, dos pesquisadores. Experimentações com a arte que fazem surgir o insuportável do real que atravessa os clichês e os arrebetam. Deixamos de estar no mundo e tornamo-nos “(con)templação”, o mundo. Devires animal, vegetal, criança. (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p. 220). Entramos na tênue possibilidade de tomar o imperceptível com as imagens artísticas e tornarmos-nos com o mundo: universo, revirando outros. Imagens que fabulam cotidianos, provocando pensamentos, escritas, pesquisas, aprendizagens, vidas vinculadas a seus limites e suas margens. Fabular em intensidade, levando as faculdades ao seu extremo e provocando a possibilidade de nos instalarmos em devir. Em um potente vir-a-ser que

extrapola e subverte as lembranças, o vivido, o que se viverá, o que permanece em potência de ser, pois “(...) *quando o hábito e a memória se submetem à casa e ao território, como se estes pudessem existir independentemente do animal que os recorta, não é a arte que se torna impossível – pois ela é neste momento o consolo tão almejado - , é a*



vida mesma que adoece do medo de viver” (GODOY, 2008, p. 265).

Fotomontagem realizada pela pesquisadora a partir de fotos produzidas por mulheres dos agricultores na região da APA Itacaré/Serra Grande no distrito de Taboquinhas, BA.

Junto a essas ressonâncias é que trazemos cotidianos que não têm pressa, que “se” possibilitam numa ex-pressa a perambular pela superfície da fotografia embaçando os saberes, as culturas, hibridizando-as com os locais, os objetos, as sensações. Aprendizagens que nos violentam com seus problemas e, ao mesmo tempo, expressam arte – conquista infiltrada na “essência” fugidia dos gestos. Porque a arte foge às determinações pré-estabelecidas e, ao mesmo tempo, nos impele a decifração dos signos que faz brotar os sentidos, libertando singularidades de vida, de gente, de lugares, de almas perdidas a sonharem...

BIBLIOGRAFIA

BIRCK, J.B. Créer des problèmes Eléments pour une pédagogie des problèmes à partir de G. Deleuze. In *Recherches en Education*, Nantes, Centre de Recherche en Education de Nantes I – C.R.E.N, n. 6, janeiro, 2009.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. Rio de Janeiro: 34, 1995.

_____. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*. V. 2. São Paulo: 34, 1997.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 5. São Paulo. Ed. 34, 2008.

_____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. *Kafka por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DIAS, S., ANDRADE, E.C.P., WUNDER, A. e VOGT, C. Biotecnologias de rua – políticas e poéticas da comunicação científica. In *Anais do I Foro Ibero-americano de comunicação e divulgação científica*. Campinas, Unicamp, 2008.

FOUCAULT, M. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Ditos e escritos. V. 1. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 2006.

GALLO, S. Le problème et l'expérience de la pensée : implications pour l'enseignement de la philosophie. In *Recherches en Education*, Nantes, Centre de Recherche en Education de Nantes I – C.R.E.N, n. 6, janeiro, 2009.

GODOY, ANA. *A menor das ecologias*. São Paulo: EDUSP, 2008.

NEGRI, A. *Arte y multitud. Ocho cartas*. Prólogo, edição e tradução de Raúl Sánchez, Mínima Trotta. Madrid: Editorial Trotta, 2000.

VILELA, Eugénia. A criança imemorial. Experiência, silêncio e testemunho. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Org.). *Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ⁱ Doutora em Educação pela Unicamp. Grupo de pesquisa CNPq MultiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências e educações. Departamento de Educação (Uefs)

ⁱⁱ Psicóloga, Mestre em Educação pela Unicamp e integrante do grupo de estudos/pesquisa Transversal da UNICAMP.

ⁱⁱⁱ *Livro de Sórora Saudade* (1923). Fonte em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000147.pdf>

^{iv} Reportagem: Talento em Português, por Maria João Guardão. *Up magazine*. Junho 2010.

^v Edital nº 015/2009 “Apoio a Tecnologias para o Desenvolvimento Social”, Fapesb.

^{vi} *À la recherche du temps perdu*, do romancista francês Marcel Proust, é uma obra literária que foi escrita em sete volumes, entre os anos de 1909-1922, e publicada entre os anos 1913-1927, sendo que os três últimos livros da série foram publicados postumamente.

^{vii} Os principais setores que compõe a rede de Sistema de Garantia dos Direitos (SGD) da Criança e do Adolescente são: o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA), o Conselho Tutelar (CT), a Segurança Pública (Guarda Municipal, Polícia Civil e Militar), o Ministério Público (MP) e o Poder Judiciário (PD).

^{viii} Trecho do poema *Desenho* escrito no caderno de anotações da pesquisadora, integrante da equipe diagnóstica.

^{ix} Os Direitos da Criança e do Adolescente a que nos referimos estão presentes no Estatuto da Criança e do adolescente, instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990.

^x Maiores informações sobre a Instituição e o Programa *Turismo Carbono Neutro* em <http://www.mecenasdavida.org.br/programas/certificacao-carbono-neutro>

^{xi} Trecho da música *Hoje* de Taiguara.